

**COLÉGIO PEDRO II  
PRÓ-REITORIA DE ENSINO  
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

**GUILHERME HANIEL DE ALMEIDA E SILVA**

**PAÑIKE:**

Etnogênese e resistência do povo Puri  
(2006-2020)

Rio de Janeiro  
2025



**GUILHERME HANIEL DE ALMEIDA E SILVA**

**PAÑIKE:**

Etnogênese e resistência do povo Puri (2006-2020)

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em História, ofertado pela Pró-Reitoria de Ensino do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado(a) em História.

Orientador(a): Dr. Luís Rafael Araújo Corrêa.

Rio de Janeiro

2025

**COLÉGIO PEDRO II  
PRÓ-REITORIA DE ENSINO  
BIBLIOTECA DO CAMPUS REALENGO II**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Ficha catalográfica elaborada por Suria Braga Alves (CRB7 nº6490),  
bibliotecária do Colégio Pedro II, Campus Realengo II.

S586p

Silva, Guilherme Haniel de Almeida e  
Pañike: etnogênese e resistência do povo Puri (2006-2020) /  
Guilherme Haniel de Almeida e Silva – Rio de Janeiro: [s.n.], 2025.  
39 p.

Orientador: Prof. Dr. Luís Rafael Araújo Corrêa.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Colégio Pedro II,  
Curso de Licenciatura em História.

1. Puri - povo indígena. 2. Etnogênese. 3. Intelectuais  
indígenas. 4. Resistência indígena. I. Corrêa, Luís Rafael Araújo  
(Orientador). II. Colégio Pedro. III. Licenciatura em História. IV.  
Título.

CDD 980.41

**GUILHERME HANIEL DE ALMEIDA E SILVA**


**PAÑIKE:**

Etnogênese e resistência do povo Puri (2006-2020)

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em História, ofertado pela Pró-Reitoria de Ensino do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado(a) em História.

Aprovado em 16 de janeiro de 2025.

**COMISSÃO EXAMINADORA**



---

Prof. Dr. Luís Rafael Araújo Corrêa

Colégio Pedro II

Orientador



---

Profa. Dra. Alessandra Gonzalez de Carvalho Seixlack

Universidade Estadual do Rio de Janeiro

Avaliador

Rio de Janeiro

2025

Dedicado a Luiz Gonzaga, o “melhor do mundo”.

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente, quero agradecer ao meu falecido avô, Luiz Gonzaga, que me levou tantas vezes ao médico e à escola. Igualmente, quero dizer gratidão à minha avó, que tanto me apoiou enquanto eu me preparava, em meio a pandemia de Covid, para fazer o Enem. Ao meu pai, agradeço por me ajudar com alguns livros. Não tenho como deixar de dizer *tenuahí* a todos os *sate prika* do povo Puri. Emanuelle Garcia, além de me incentivar nas etapas iniciais da pesquisa, me deu apoio e ajudou com os meios para escrever essa pesquisa. Quero também evidenciar a importância de alguns docentes e pesquisadores nesse trajeto: Luís Rafael, Bruno Marques, Leonardo Chermont, Alessandra Gonzalez, Glaydson Matta e Pedro Pimentel. Quero destacar a importância de toda a equipe do Museu da Cultura Puri (MCP), sobretudo a ajuda de Tangwa Matu Puri, e o apoio dos integrantes do Coletivo Negro e Indígena Carolina Maria de Jesus (CNICMJ). Por fim, agradeço Maria Martins Gomes da Silva, minha bisavó, ainda viva em nossas memórias e, de certo modo, nesse TCC.

Redistribuir o direito à escuta, à autoria e à posição de sujeitos de suas vidas tem sido um dos grandes esforços do movimento indígena, parte desse processo de descolonização.

(Longhini, 2022)

## RESUMO

SILVA, Guilherme Haniel de Almeida e. **Pañike**: Etnogênese e resistência do povo Puri (2006-2020). 2025. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História) – Pró-Reitoria de Ensino, Colégio Pedro II, Rio de Janeiro, 2025.

Esta pesquisa tem como objeto de investigação a resistência e etnogênese do povo Puri entre 2006 e 2020. Inicialmente, analisaremos a produção do paradigma da extinção do povo Puri. Em seguida, através de um diálogo entre o método histórico e conceitos do campo antropológico, evidenciaremos as tensões e particularidades entre a etnogênese e o etnogenocídio dentro da resistência do povo Puri no Sudeste, sobretudo nas regiões do Rio de Janeiro, de Araponga e de Viçosa. Tangenciando essa questão, investigaremos a existência de uma intelectualidade indígena dentro dos movimentos de resistência Puri, que teria fortalecido sua identidade e organização. Como fontes, utilizaremos relatos de indígenas Puri, entrevistas produzidas por pesquisadores, obras sobre os movimentos Puri e obras historiográficas acerca do povo Puri e de outros movimentos indígenas que atravessaram suas trajetórias. Este estudo almeja contribuir para as análises referentes aos movimentos e intelectuais indígenas, utilizando metodologias e conceitos na Nova História Política, da Nova História Indígena e da Antropologia.

**Palavras-chave:** povo Puri. intelectuais indígenas. etnogenocídio. etnogênese. resistência indígena.

## ABSTRACT

SILVA, Guilherme Haniel de Almeida e. **Pañike**: Ethnogenesis and resistance of the Puri people (2006-2020). 2025. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História) – Pró-Reitoria de Ensino, Colégio Pedro II, Rio de Janeiro, 2025.

This research aims to investigate the resistance and ethnogenesis of the Puri people between 2006 and 2020. Initially, we will analyze the production of the paradigm of the extinction of the Puri people. Subsequently, through a dialogue between the historical method and concepts from the anthropological field, we will highlight the tensions and particularities between ethnogenesis and ethnocide within the resistance of the Puri people in the Southeast of Brazil, especially in the regions of Rio de Janeiro, Araçuaia, and Viçosa. Tangentially to this issue, we will investigate the existence of an indigenous intellectual within the Puri resistance movements, which would have strengthened their identity and organization. As sources, we will use accounts by Puri indigenous people, interviews produced by researchers, works on the Puri movements, and historiographical works on the Puri people and other indigenous movements that have crossed their paths. This study aims to contribute to the analyses of indigenous movements and intellectuals, using methodologies and concepts in New Political History, New Indigenous History, and Anthropology.

**Keywords:** Puri people. indigenous intellectuals. ethnocide. ethnogenesis. indigenous resistance.

## RESUMEN

SILVA, Guilherme Haniel de Almeida e. **Pañike**: Etnogénesis y resistencia del pueblo Puri (2006-2020). 2025. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História) – Pró-Reitoria de Ensino, Colégio Pedro II, Rio de Janeiro, 2025.

Esta investigación tiene como objeto de estudio la resistencia y etnogénesis del pueblo Puri entre 2006 y 2020. Inicialmente, analizaremos la producción del paradigma de la extinción del pueblo Puri. A continuación, a través de un diálogo entre el método histórico y conceptos del campo antropológico, evidenciaremos las tensiones y particularidades entre la etnogénesis y el etnogenocidio dentro de la resistencia del pueblo Puri en el Sudeste, especialmente en las regiones de Río de Janeiro, Araponga y Viçosa. Tangencialmente a esta cuestión, investigaremos la existencia de una intelectualidad indígena dentro de los movimientos de resistencia Puri, que habría fortalecido su identidad y organización. Como fuentes, utilizaremos relatos de indígenas Puri, entrevistas producidas por investigadores, obras sobre los movimientos Puri y obras historiográficas sobre el pueblo Puri y otros movimientos indígenas que han atravesado sus trayectorias. Este estudio aspira a contribuir a los análisis referentes a los movimientos e intelectuales indígenas, utilizando metodologías y conceptos de la Nueva Historia Política, de la Nueva Historia Indígena y de la Antropología.

**Palabras claves:** pueblo Puri. intelectuales indígenas. etnogenocidio. etnogénesis. resistencia indígena.

## TAWNÉONA

SILVA, Guilherme Haniel de Almeida e. **Pañike**: denmutximeon agahon teyxokawa ansehon tximeon Puri (2006-2020). 2025. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História) – Pró-Reitoria de Ensino, Colégio Pedro II, Rio de Janeiro, 2025.

Gran ml'itonma pa txoere txina ansehon mogakindjahamna teyxokawa agahon denmutximeon ansehon tximeon Puri ansehon 2006 xina 2020. Merixora, pañike toxeta mogakindjahamna brotxenna ansehon kindolema nakotxoteonna ansehon laykon ansehon tximeon Puri. Toxeta, puy ansehon omi kambonana ansehon ximanbrotxen xambebakon agahon nakotxoteonna maxikanatxatrinama, pañike toxeta kasangwe metl'on prika agahon potl'ika prika ansehon denmutximeon agahon "etnogenocídio" kxe ansehon teyxokawa Puri day Sudeste, ximwayon day uxo ansehon Rio de Janeiro, Araponga agahon Viçosa. Ñamantxitay gran luarpadena, pañike toxeta mogakindjahamna hon ansehon omi "intelectualidade" tximeon kxe ansehon kaypran prika agahon teyxokawa prika Puri, yamoeni toxeta pa dieh-yuñun he agahon kaypran. Txoere uerave, pañike toxeta puy koyana ansehon tximeon prika Puri, kambonana ando brotxen ganden "pesquisadores", tapera ansehon kaypran prika Puri agahon tapera prika xambebakon yamoeni koya ansehon tximeon agahon ansehon nowahon kaypran prika tximeon yamoeni toxeta ñamantxitay diehteka-yuñun ñamantuza prika. Gran mogakindjahamna muya tenkasile mogakindjahamna prika ansehon kaypran prika agahon "intelectuais" tximeon, hon puy ximankasangwe agahon nakotxoteonna ansehon Saputen Xambebakonna "Política", ansehon Saputen Xambebakonna Tximeon agahon Maxikanatxatrinama.

**Palabras claves:** tximeon Puri. Intelectuais tximeon. etnogenocídio. denmutximeon. teyxokawa tximeon.

## LISTA DE FIGURAS (ILUSTRAÇÕES)

Fotografia 1 - Dança de caboclo em Araponga em 1950	20
Fotografia 2 - Dança de caboclo em Araponga em 1970	20
Imagem 1 - Imagem expressando o “Orgulho de ser Puri” em 2019	25
Imagem 2 - Ñamake, grafismo contemporâneo do povo Puri	29
Imagem 3 - Indígena Puri e fotos de muriaeenses com ascendência Puri	31

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

ABNT – Associação Brasileira de Normas Técnicas

AIAM – Associação Indígena Aldeia Maracanã

CGNT – Convenção para a grafia dos nomes tribais

CMPP – Centro de Memória do Povo Puri

FUNAI – Fundação Nacional do Índio

GEIPÓ – Grupo de Estudos Povos Originários

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

MCP – Museu da Cultura Puri

MG – Minas Gerais

MRP – Movimento de Ressurgência Puri

OIT – Organização Internacional do Trabalho

PE – Pernambuco

RBLI – Revista Brasileira de Línguas Indígenas

TCC – Trabalho de Conclusão de Curso

UFV – Universidade Federal de Viçosa

## SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO .....	14
2	ENTRE O ETNOGENOCÍDIO E A <i>TEYXOKAWA</i> .....	16
2.1	Puri daqui, Puri de lá.....	18
2.2	<i>Kambona</i> .....	22
3	PODEMOS FALAR DE INTELLECTUAIS INDÍGENAS?.....	26
3.1	<i>Purika</i> .....	28
3.2	<i>Teutiltèouti</i> .....	31
4	CONCLUSÃO.....	34
	REFERÊNCIAS .....	37

## 1 INTRODUÇÃO

*Merixora ah muya koya i sate prika Puri yamoeni gran petxina he omi petxina i pañike-yunun antxikare tigagika. Ah ando katara mandjira “pañike” nat ah ando nakotxoteon yamoeni he omi xute boase i koya ansehon teyxokawa Puri<sup>1</sup>.*

Em *kwaytikindo*, língua utilizada por parte do povo Puri<sup>2</sup>, a palavra *pañike* significa “nós”, também presente na palavra *pañike-yuñun*, que significa “nosso”. Além de bastante usada pelo povo, ela está presente em produções musicais e escritas dos Puri. Utilizada contemporaneamente, seu uso contrasta com obras que supunham que a “última” indígena Puri teria falecido no início do século XX, como é o caso da obra “Aldeamentos Indígenas do Rio de Janeiro” (Freire; Malheiros, 1997, p. 63-64). Entretanto, o crescimento e resistência do povo podem ser observados nos dados do IBGE de 2010, no qual 675 pessoas se autodeclararam como pertencentes ao povo<sup>3</sup>, corroborando com a tese de que o desaparecimento dos registros não significa um desaparecimento do povo e tampouco que deixaram por completo seus territórios (Ferreira, 2023, p. 67).

O nosso recorte temporal se inicia em 2006, pois esse ano marca o início da ocupação do antigo Museu do Índio por indígenas de diversas etnias. A relação dessa ocupação com o povo puri está no fato de Dauá Puri ter criado relações com o local e, em seguida, iniciado sua viagem para Araponga (MG), almejando encontrar com outros Puri e unir as tradições que permaneceram. Em 2009, com seu retorno, cada vez mais os Puri se articulam coletivamente. Em 2013, em Viçosa, em Minas Gerais, o povo iniciou a sua participação na Troca de Saberes. Em 2015, muitos indígenas da Aldeia Maraka'nà<sup>4</sup>, no Rio de Janeiro, foram deslocados para o bairro do Estácio, onde formaram a Aldeia Vertical. Em São Fidélis, também no Rio de Janeiro, em 2016, reuniões são feitas para realizar acordos acerca da língua puri. Em 2020, o Centro de Memória do Povo Puri (CMPP) foi fundado e o dicionário

1 Em português: “Primeiramente, eu quero falar aos parentes Puri que esse trabalho é um trabalho para a nossa nação também. Eu coloquei o nome “nós”, pois penso ser uma boa palavra para falar sobre a resistência Puri.”

2 O nome dos povos serão escritos com letra inicial maiúscula e no singular, seguindo a Convenção para a grafia dos nomes tribais (CGNT).

3 Disponível em: <<https://censo2010.ibge.gov.br/>>. Acesso em: 29 de dezembro de 2024.

4 O uso dessa grafia (Maraka'nà) em detrimento de outras (Maracanã ou Marakanã) se pauta na forma utilizada para se referir ao local na publicação feita por indígenas de diversas etnias que mantinham relação com o local (GUAJAJARA; GUAJAJARA; ICÓ; MUNDURUKU; XAVANTE, 2023).

sobre o *kwaytikindo* foi publicado por Txâma Xambé Puri, Tutushamum Puri e Xindêda Puri, na Revista Brasileira de Línguas Indígenas (RBLI).

Esse processo é comumente classificado por antropólogos como “etnogênese” ou “emergência étnica”, classificado por alguns pesquisadores enquanto a construção de uma “autoconsciência e de uma identidade coletiva contra uma ação de despeito [...] com vistas ao reconhecimento e à conquista de objetivos coletivos” (Arruti, 2006, p. 50-51). O conceito é amplamente debatido, encontrando resistência entre segmentos dos povos indígenas classificados como “ressurgentes” ou “emergentes”, preferindo serem denominados como “povos resistentes” (Arruti, 2006, p. 53), conceito utilizado por divergir de noções puristas e essencialistas acerca do ser indígena (Puri, 2020, p. 388). Analisaremos os debates sobre “etnogênese” e “resistência” dentro desse contexto de articulação do povo Puri, almejando compreender como essas questões se relacionam à possível formação de “intelectuais indígenas”, ou seja, indivíduos de ascendência indígena, cuja produção está intimamente ligada ao compromisso com seu povo e que buscam superar a situação de subalternização através da conscientização (Seixlack; Castro, 2021). Realizaremos esse exercício sem, contudo, perder de vista as especificidades do povo Puri.

A escolha por essa temática tem relação com a minha trajetória pessoal. Minha ascendência Puri vem da parte paterna da minha família, que veio do interior de Minas Gerais para a cidade do Rio de Janeiro na década de 1960. Mais precisamente, de Maria Martins Gomes da Silva, mãe do meu avô, Luiz Gonzaga da Silva, com quem fui criado. Também existe uma relação profissional, pois comecei a trabalhar como voluntário no Museu da Cultura Puri (MCP) em 2023.

## 2 ENTRE O ETNOGENOCÍDIO E A TEYXOKAWA<sup>5</sup>

O povo Puri habita a região Sudeste do Brasil há séculos, sendo possível traçar, através dos registros de sua língua, a presença do povo indígena em áreas dos Estados do Rio de Janeiro, Espírito Santo, São Paulo e Minas Gerais (Lemos, 2014). No caso do Rio de Janeiro, estudos arqueológicos demonstram uma relação direta entre os indígenas Goitacaz/Puri e os “Paleoindígenas” da tradição Una, que ocuparam o Sudeste há cerca de 3 mil anos A. P. (Ferreira, 2023, p. 33). No século XVI, com a chegada dos colonizadores, alguns grupos teriam migrado para regiões serranas no Sudeste, entre eles os Puri (Frontelmo Soares, 2024, p. 131).

Entre o século XVII e o início do ciclo do café, o extrativismo vegetal predatório da poia ganhou espaço entre a Zona da Mata Mineira, o Noroeste Fluminense e o Sul Capixaba, encontrando um receptivo mercado na Europa e quase levando à extinção da planta na região. Para a extração, a mão-de-obra e conhecimentos Puri foram amplamente utilizados (Frontelmo Soares, 2024, p.149). Esse extrativismo predatório atingiu também os Coroados (Saraivo; Nabarro; Goldfeder, 2024, p. 74), classificados por alguns autores como pertencentes à família linguística Puri-Coroados, dentro do tronco linguístico Macro-Jê.

Esse argumento foi sustentado por Marcelo Sant’Ana Lemos, após o historiador se debruçar sobre a análise da população indígena de Valença (Lemos, 2016, p. 58). Há, também, autores que incluem os Coropó junto com os Coroados e Puri dentro do arcabouço de uma mesma família linguística (Oliveira, 2003), argumento sustentado por pesquisadores Puri que buscaram e buscam a revitalização linguística do povo (Puri; Puri; Puri, 2020, p. 80-83).

Entretanto, a poia não constituiu o único foco da ação colonial contra os Puri e os Coroados. A partir do final dos Setecentos, as sociedades indígenas do Médio Paraíba se depararam com o avanço luso-brasileiro (Lemos, 2016, p. 103). A resistência dos Puri ao longo do Paraíba ocorreu em diversas áreas, incluindo São Paulo. Esse cerceamento levou à formação, em 1801, de um aldeamento para os Puri em Queluz, na fronteira da Capitania de São Paulo com a do Rio de Janeiro, em 1801 (Lemos, 2016, p. 105-106). Podemos observar essa expansão do modo de

<sup>5</sup> Palavra que em *kwaytikindo* significa “resistência”.

vida luso-brasileiro em Valença. Entre 1803 e 1814, a região, que contava com forte presença dos Coroados, se caracterizou pelo predomínio do batizado de crianças indígenas. Entre 1815 e 1836, contudo, o batizado de crianças indígenas decaiu expressivamente, o que pode representar uma “inversão demográfica” (Lemos, 2016, p. 131).

Conforme o Rio de Janeiro havia se tornado um grande centro consumidor e o principal articulador comercial do Império Português, a necessidade de ampliação da produção para o mercado interno e externo cresceu. Em 1814, uma seca agravou o abastecimento da Corte. O príncipe regente decidiu isentar os moradores de Valença do direito de passagem pelos rios Preto e Paraíba, em 1815, distribuiu mudas de café e sementes vindas de Moçambique, estimulou o comércio na região, e possibilitou a concentração de terras em Valença através da distribuição de sesmarias (Lemos, 2016, p. 165). Embora essa expansão cafeeira tenha afetado significativamente a população indígena na região, Marcelo Sant’Ana Lemos encontrou indícios da presença dos “descendentes dos Coroados” na população da região de Valença, o que aponta para a resistência da população indígena e contra o argumento de que os indígenas teriam virado “pó de café” (Lemos, 2016, p. 202).

O paradigma de que os Puri teriam sido extintos no início do século passado não se sustenta. Em São Fidélis, no Norte Fluminense, existiu um aldeamento Puri e Coroados até meados do século XIX. A partir de 2010, um movimento de autoidentificação coletiva pode ser observado na região. Não se trata de um “reaparecimento” inexplicável, mas da contraposição à política de invisibilização promovida desde a transição do Império à República (Ferreira, 2023, p. 65-66). Apenas através da perspectiva da continuidade podemos compreender que 675 pessoas tenham se autodeclarado Puri no Censo de 2010. No Rio de Janeiro, 4 anos antes, em 2006, Dauá Puri estava se reunindo para morar com indígenas de outras etnias no antigo Museu do Índio, que veio a se chamar Aldeia Maraka’nà. Na outra ponta do Sudeste, em Araponga, em Minas Gerais, a população mantinha memórias e elementos culturais da cultura Puri (Barbosa, 2004, p. 189-201). Em diversas regiões, de maneiras diferentes e sem se conhecerem, descendentes Puri estabeleceram uma relação de afeto e identificação com sua ascendência indígena, mesmo que num primeiro momento não se autoidentificassem assim. Alguns eram identificados por outros nomes, como caboclo (Ferreira, 2023, p. 31-44) ou bugre

(Barbosa, 2004, p. 211).

O fenômeno que levou a uma divisão espacial tão ampla do povo Puri é denominado pela pesquisadora Melissa Ferreira Ramos como “diáspora indígena”, caracterizada pela intensa dispersão e perda de territórios, levando o povo a, inclusive, ser caracterizado como “extinto” por um tempo pela então Fundação Nacional do Índio (FUNAI). Juntamente com isso, a trajetória do povo está ligada a um processo de autoidentificação coletiva nas últimas décadas, que leva a autora a caracterizar os Puri como um povo “ressurgido” ou “emergido” (Ramos, 2017, p. 203-204), conceito abordado e problematizado anteriormente.

Nesse longo processo de exploração da mão-de-obra, expropriação das terras, negação da identidade e invisibilização do povo Puri, podemos observar características do que a pesquisadora guarani Geni Núñez denominou “etnogenocídio”, isto é, “um tipo de violência colonial assente no esforço de homogeneização” e que “incide sobre a multiplicidade e singularidade de cada povo” (Longhini, 2022, p. 56). Uma das ferramentas dessa violência está justamente na caracterização de indígenas que não se adequam à noção purista de “índio puro” como “descendentes”. Além das escolas (Longhini, 2022, p. 70), os censos nacionais também funcionaram como uma forma de produzir outras categorias para caracterizar o “indígena assimilado” (Oliveira, 1997), perpetuando um imaginário purista e binário acerca do ser indígena (Longhini, 2002, p. 74-76). Ao observarmos a forte presença do povo Puri em São Fidélis no Censo de 1872, percebemos como o seu posterior “desaparecimento” não é evidência de um desaparecimento real, mas da mudança de critérios nos censos do período Republicano, escamoteando a categoria caboclo e colocando dentro do arcabouço da categoria “pardo” os “descendentes” Puri e Coroados. Isso está ligado à crença de que os indígenas seriam “participantes transitórios da nação”, fadados a desaparecer, que ocupou posturas políticas e o imaginário brasileiro por boa parte do século XX (Oliveira, 1997, p. 81-82).

## **2.1 Puri daqui, Puri de lá**

No Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) de Dauá José da Silva, Dauá Puri, o autor inicia sua abordagem acerca de suas inquietações relativas à sua origem remontando à infância, em 1961 nas adjacências do Rio Paraíba do Sul (Silva,

2017,p. 20). Deste modo também se inicia o relato de Opethara Nhãmanrúri, também conhecida como Solange Reis, sobre a permanência de uma cultura indígena na sua família (Nhãmanrúri, 2023, p. 69). Ambos os relatos são atravessados pela vivência em áreas do interior e uma relação diferenciada com o mundo, contrastando com aquilo que percebiam em outras famílias ou aprendiam nas escolas. Os dois relatos são de regiões do Estado do Rio de Janeiro. Enquanto Dauá fala a partir das margens do rio Paraíba do Sul, Opethara inicia sua narrativa em São Fidélis. Ambas as localidades contaram com presença Puri também em outros séculos. Em São Fidélis, inclusive, existiu um aldeamento para os Coroados e os Coropó, no qual se tentou aldear “Puris e Botocudos” (Ferreira, 2023, p. 17). No que diz respeito ao Rio Paraíba do Sul, a presença dos Puri, Coroados e Coropó também foi amplamente documentada ao longo do século XIX (Ferreira, 2023, p. 40-41). Os relatos de Dauá e Opethara, ao tocarem na questão da invisibilidade da presença indígena na região, destacam como áreas conhecidas no século XIX por serem habitadas por uma grande quantidade de indígenas Puri, Coroados e Coropó, em meados do século XX, não pareciam querer transmitir às crianças esse legado.

Mas o Estado do Rio de Janeiro não foi o único local no qual pessoas caminhavam rumo ao questionamento sobre a invisibilidade de sua ascendência. Em Araponga, havia pessoas que, entre o fim do século XX e o início dos anos 2000, se identificavam com a identidade Puri ou afirmavam seu parentesco com o povo indígena (Barbosa, 2005, p. 211). Alguns moradores da região destacavam como “apesar de agora terem direitos”, os “índios ficaram com medo de dizer que são índios” (Barbosa, 2005, p. 228). Entre outras permanências, a identidade indígena em Araponga, a prática da dança de caboclo tem grande importância e longevidade. Encontramos vestígios dessa tradição em Araponga desde pelo menos a primeira metade do século XX. Em meados de 2003, um dos cantos recebeu uma versão na língua do povo Puri, sendo denominado *ho puri, ah lekah tschoreh*, o que em português seria algo como “ô puri, eu moro na mata” (Puri; Puri; Puri, 2020, p. 89). Sabe-se que até pouco tempo antes do ano de 1990, as danças foram encabeçadas por Ginico Lopes, que faleceu. Seis anos depois, Jurandir Puri assumiu o posto que o pai deixou vago (Puri; Puri; Puri, 2020, p. 81).

Dança de caboclo em Araponga na década de 1950.



Fonte: Acervo do Museu da Cultura Puri

Dança de caboclo em Araponga na década de 1970



Fonte: Acervo do Museu da Cultura Puri

Em 2010, Jurandir Puri aparece em um vídeo cantando a canção *ho bugure*<sup>6</sup>. Destacando as suas múltiplas ascendências, Jurandir evidencia sua identificação com a identidade Puri. A partir dos registros sobre a dança de caboclo, sobre a sua dimensão de tradição familiar dentro da família de Jurandir Puri e de sua longevidade, podemos observar que essa manifestação cultural ocupou e ocupa certa importância na preservação da cultura, memória e identidade Puri em Araponga.

Para Opethara e Dauá, essa relação com o território no qual viveram parte da infância é mais complexa. A migração dos pais de Opethara para a cidade pode ser ligada àquilo que se denomina “êxodo indígena”. O êxodo Puri para as cidades está ligado a fatores climáticos e de pressão fundiária (Santos; Carvalho; Moreira, 2023, p. 96). Com a migração em busca de melhores condições de vida, boa parte da infância de Opethara foi vivida a partir da favela do Muquiço, em Deodoro. Embora não possamos precisar como ou quando Dauá chegou à cidade do Rio de Janeiro, ele relata o encontro com o “índio Maré” nas ruas da capital do Rio de Janeiro em 1978. Dauá também relatou encontros com Mário Juruna e Santie Fulni-ô, pela mesma época. Nascidos em territórios de secular presença Puri, ambos precisaram lidar com a tarefa de formar a sua relação com a sua ancestralidade em outros territórios, permeados por outras questões. As vivências entre os Puri de diferentes regiões do Sudeste eram atravessadas por questões diversas, ligadas tanto ao meio no qual viveram quanto à heterogeneidade de suas vivências. Onde estavam os Puri? Espalhados e com vivências que se tangenciam em alguns pontos, mas que tinham suas especificidades.

O que se denomina “etnogênese” não é um fenômeno recente no Brasil. Grupos apontados como “caboclos” se autodenominavam como indígenas no Nordeste, na década de 1920 (Arruti, 2006, p. 51). Grupos e indivíduos de ascendência Puri, em diversas localidades do Sudeste, preservaram e repensaram as formas através das quais lidavam com essa herança étnica. Buscar uma “origem” neste ou naquele indivíduo, numa ou noutra cidade do Sudeste, inevitavelmente, é ignorar como a preservação da cultura e a reflexão em torno de como lidar com a própria “indianidade<sup>7</sup>” – conceito que Camila Bevilaqua retira de entrevistas com

6 Associação de Deuséfiel7. Índios Puri MG.mp4. **Youtube**. 13 de junho de 2010. Disponível em: <https://youtu.be/d7r1s7Kbm7Q?feature=shared>. Acesso em: 02 de Janeiro, 2024.

7 Sobre o conceito de “indianidade”, ele foi desenvolvido nos textos de Camila Bevilaqua através de entrevistas com indígenas da Aldeia de Vertical.

moradores da Aldeia Vertical, relacionado ao “ser indígena” (Bevilaqua, 2017) – ocorreu em cada uma das localidades habitadas pelos Puri. O que ocorre, no entanto, é que essas perspectivas ainda não tinham conhecimento uma das outras da mesma forma que ocorreria em meados dos anos 2000.

## 2.2 *Kambona*<sup>8</sup>

Em contato com os povos da Aldeia Maraka'nà desde 2006, Dauá Puri decide, no ano de 2008, ir para Araponga. Sobre a ciência acerca da existência Puri no local, ele destaca a importância do contato com um vídeo no qual um grupo de jovens apresentava a Dança de Caboclo (Silva, 2017, p. 12). Em Araponga, Dauá afirma ter sido acolhido por Miltinho, “seu Nenen”, Mário, Romualdo e Jurandir (Silva, 2017, p. 35). Ele aprendeu cantos na região. Entre eles, o *Ho Bugure/Bugre*. Retornando à Aldeia Maraka'nà, Dauá teria apresentado os conhecimentos construídos durante a sua viagem, o que conferiu ainda mais legitimidade à luta Puri e reconhecimento por outros indígenas do local. A partir desse momento, cada vez mais os Puri se reuniram em torno do movimento de resistência, o que ficou evidente nos dados de 2010 do IBGE, no qual 675 pessoas se autodeclararam pertencentes ao povo.

Observamos a importância desses diálogos no relato de Opethara, que destaca que seu primeiro contato com a autodeclaração foi justamente em uma conversa com Dauá, em 2011, em Quintino (Nhãmanrúri, 2023, p. 87). A viagem de Dauá não apenas foi importante pela troca de experiências e de permanências culturais que proporcionou, mas também pelas pontes que construiu. A partir de 2008, o povo foi estruturando suas articulações coletivas e interconectando as experiências regionais. No dia 18 de agosto de 2012, por iniciativa de Dauá, o Grupo Puri foi criado no Facebook, facilitando o encontro dos puris de diversas regiões<sup>9</sup>. No Rio de Janeiro, por volta de 2013, como uma tentativa de institucionalizar o Grupo Puri, o Movimento de Ressurgência Puri (MRP) foi fundado e lançou uma Carta de Princípios (Ramos, 2017, p. 140).

Um dos exemplos das articulações do povo é a Troca de Saberes. Desde 2009, o evento é realizado na Universidade Federal de Viçosa (UFV), em Minas

<sup>8</sup> Em *kwaytikindo*, a palavra “*kambona*” significa “conversar”. A palavra também pode ser encontrada com a grafia “*cambona*”.

<sup>9</sup> Disponível em: [https://m.facebook.com/groups/270368696406558/?locale=pt\\_BR](https://m.facebook.com/groups/270368696406558/?locale=pt_BR). Acesso em: 05 de Janeiro, 2025.

Gerais, contando com participações organizadas do povo Puri desde 2013 (RAMOS, 2017, p. 7). A troca de saberes de 2016, inclusive, teve como nome tema “*Mnhamã* água: roda de saberes das transformações”. A palavra *Mnhamã*<sup>10</sup>, na língua do povo Puri, significa água. O uso da palavra demonstra como a Troca de Saberes se tornou um local de forte presença do povo (Ramos, 2017, p. 15).

Também por volta de 2013, jornais anunciavam as tensões decorrentes da primeira ação de despejo contra a os moradores da Aldeia Maraka'nà<sup>11</sup>. Em 2015, uma parte dos indígenas deslocados foi transferida pelo governo para um bloco de um conjunto residencial do Programa “Minha casa, minha vida”, no bairro do Estácio. O bloco multiétnico ficou conhecido como “Aldeia Vertical”, onde foi fundada a Associação Indígena Aldeia Maracanã (AIAM) (Bevilaqua, 2017, p. 54). Por volta de 2016, Dauá morava e promovia ações culturais na Aldeia Vertical (Bevilaqua, 2017, p. 52), onde mora ainda hoje. Nem todos os indígenas foram para a Aldeia Vertical. Alguns retornaram para a Aldeia Maraka'nà. Mesmo os que moram na Aldeia Vertical não cortaram completamente os vínculos com a Aldeia Maraka'nà, como demonstra a fundação da AIAM. Em 2016, Niara do Sol também morava na Aldeia Vertical (Bevilaqua, 2017, p. 52). Em 2013, Dauá Puri fez uma fala na Aldeia Maraka'nà sobre a importância do seu encontro com ela na Rádio Vivario para a sua aproximação do movimento indígena<sup>12</sup>. Pelo relato presente em seu TCC, podemos mensurar que esse encontro teria ocorrido por volta do início dos anos 2000 (Silva, 2017, p. 20-21), próximo do período de ocupação do antigo Museu do Índio.

O fato de não terem nascido na aldeia, não terem todos os parentes indígenas ou se relacionarem com não-indígenas também não diminui sua indianidade. Assim, a indianidade é um elemento que não se dissolve em outros, não se mistura, se mantendo através de gerações e lugares, dependendo, é claro, do interesse das pessoas em mantê-lo. (BEVILAQUA, 2017, p. 64).

Na Aldeia Vertical, Camila Bevilaqua se deparou com uma noção de “indianidade” que se opõe à perspectiva clássica de “mestiçagem”. Isto é, a “indianidade” de alguém não é diluída através de casamentos com pessoas brancas ou negras, seguindo uma lógica de contramestiçagem (Bevilaqua, 2017, p. 64). Essa

10 A palavra também pode ser encontrada com a grafia “*ñaman*”.

11 Tumulto Marca Retirada dos Índios da Aldeia Maracanã. **BBC News Brasil**. 22 de março de 2013. Disponível em: [https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2013/03/130322\\_aldeia\\_cq\\_atualiza](https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2013/03/130322_aldeia_cq_atualiza). Acesso em : 05 de janeiro, 2025.

12 ASFUNRIO AULA. Dauá Puri – Aldeia Maracanã. **Youtube**. 18 de janeiro de 2013. Disponível em: <https://youtu.be/kcii-k8qds8?feature=shared>. Acesso em: 06 de janeiro, 2025.

forma de pensar e vivenciar a própria indianidade é uma concepção que atravessa e permeia a “resistência” Puri que, embora se articulando para o resgate e diálogo do que é possível resgatar e das permanências culturais que são possíveis de dialogar, não pretende alcançar uma “essência”. Eles seguem formulando e reformulando a sua “indianidade” sem perder de vista os processos que os atravessam e como a estrutura “etnogenocida” atravessou seus ascendentes e atravessa as lutas deles próprios à respeito de sua identidade e modo de lidar com sua ancestralidade.

Dauá afirma ter entrado para o curso de Licenciatura em Educação do Campo na Universidade Federal de Viçosa em 2014, através da cota destinada para indígenas, o que o aproximou da Troca de Saberes e do Grupo de Estudos Povos Originários (GEIPÓ) (Silva, 2017, p. 15). Esse período coincide com o qual Opethara entrou na mesma universidade para cursar o mesmo curso (Nhãmanrúri, 2023, p. 88). Além de explicitar como essas trajetórias confluíram, isso nos possibilita compreender ainda melhor como Viçosa também foi se tornando cada vez mais um ponto de encontro para as culturas do povo Puri, como foi o caso da Troca de Saberes de 2016.

A escolha do nome “*Mnhamã*” para o evento destaca outra frente de resistência do povo: a língua. Considerada extinta pelo IBGE, a língua do povo Puri passou por tentativas de revitalização. Dauá Puri usou o diálogo com Araponga e com Jurandir Puri para se debruçar sobre essa questão através dos cantos (Ramos, 2017, p. 151). No que diz respeito aos registros e compilados da língua Puri disponíveis na época, podemos ressaltar o trabalho de Čestmír Loukotka (1937) e o compêndio organizado por Marcelo Lemos (2014). Também partindo dos Puri, por volta de 2011, Tutushamum havia iniciado um estudo que o levou a preencher lacunas no Puri através do uso de palavras do Coroadó, como pode ser observado no canto *Ambo Txorebakoya e Uxo Preton*, apresentados em 2012 (Puri; Puri; Puri, 2020, p. 82). Houve, assim, um conjunto de iniciativas ocorrendo simultaneamente, objetivando a reconstrução da língua. Em 2016, em São Fidélis, grupos Puri se reuniram e acordaram que as lacunas da língua seriam preenchidas através da seguinte sequência de prioridade para o uso das palavras: Puri, Coroadó e Koropó. Esse acordo foi reafirmado por grupos Puri em 2017, em um encontro na UFV, culminando na criação, em 2018, de um acordo ortográfico Puri, o *kwaytikindo* (Puri; Puri; Puri, 2020, p. 82). Esse acordo, contudo, não é seguido por todas as pessoas e coletivos do povo. Alguns coletivos permanecem usando prioritariamente os

trabalhos de Marcelo Lemos, como pode ser observar dentro do acervo do CMPP<sup>13</sup>, vinculado ao MRP.

Em 12 de maio de 2015, a página de Facebook “Resistência Indígena Puri” foi criada<sup>14</sup>. A página representa o grupo Puri que utiliza o *kwaytikindo*. A Resistência Puri se formalizou enquanto movimento organizado em 2017, se vinculando ao projeto Txemim<sup>15</sup> Puri, e sendo rebatizado como Movimento Teyxokawa<sup>16</sup> Puri (Puri; Puri; Puri, 2020, p. 83). Embora simultânea às outras iniciativas e confluindo em alguns aspectos, percebe-se como este movimento também possui suas particularidades, o que demonstra, mais uma vez, a heterogeneidade dos grupos e movimentos que surgem dentro da “resistência” Puri. Embora distintos, todos esses movimentos continuam a tangenciar um mesmo eixo: o fortalecimento cultural, político, linguístico e organizativo do povo Puri. Por mais diversos que sejam, observa-se, diferente do que ocorria antes, reivindicações organizadas acerca do “ser Puri”. “Ser” esse que pode ser constituído de muitas formas, e todas elas parecem estar vinculadas à força de uma ou mais coletividades.

Imagem expressando o “Orgulho de ser Puri” em 2019



Álbum de “fotos de Resistência Indígena Puri” da página de Facebook  
Resistência Indígena Puri

13 Disponível em <https://povopuri.wixsite.com/memoriapuri/centro-de-memoria-do-povo-puri>. Acesso em: 06 de janeiro de 2025.

14 Resistência Indígena Puri. Sobre. 12 de maio de 2015. **Facebook**. Disponível em: [https://m.facebook.com/resistencia.puri/?profile\\_tab\\_item\\_selected=about&locale=pt\\_BR](https://m.facebook.com/resistencia.puri/?profile_tab_item_selected=about&locale=pt_BR). Acesso em: 06 de janeiro de 2025.

15 Em *kwaytikindo*, a palavra “*txemim*” significa “povo”.

16 Em *kwaytikindo*, “*teyxokawa*” é a palavra utilizada para se referir a uma “resistência”.

### 3 FAZ SENTIDO FALAR DE INTELLECTUAIS INDÍGENAS?

Autores como Claudia Zapata Silva, Alessandra Gonzalez de Carvalho Seixlack e Fernando Luiz Vale Castro afirmam que “intelectuais indígenas” seriam aqueles sujeitos de procedência indígena cuja produção intelectual, além de serem atravessadas por um compromisso com sua identidade e povo, reconhecem o peso das circunstâncias em suas obras, se construindo como sujeitos intelectuais em diálogo com elas (Seixlack; Castro, 2021, p. 176). De certo modo, algumas obras de autores Puri poderiam inseri-los em meio a essa definição. Entre elas, podemos listar algumas como: os TCCs de Dauá Puri (Silva, 2017) e Opethara Nhãmanrúri (REIS, 2020), que dialogam saberes indígenas e acadêmicos; iniciativas de Dauá Puri de produzir textos bilíngues, fortalecendo a retomada linguística do povo, como é o caso do texto *Alkeh Poteh*<sup>17</sup> (Puri, 2018); no texto no qual Tutushamum Puri, Txâma Xambé Puri e Xindêda Puri refletem sobre a revitalização linguística do povo e sobre o kwaytikindo (Puri; Puri; Puri, 2020); no texto no qual Txâma Xambé Puri estuda sobre a relação entre o “movimento indígena Aldeia Maraká'nà” e a “emergência identitária indígena” no Rio de Janeiro (Puri, 2020).

As lutas por organização através da fundação do MRP, em 2013, e do Movimento de Resistência Puri, em 2017, também expressam um diálogo com o conceito ao exprimirem a criação de espaços no qual este povo pode ser ouvido e falar, “promovendo conscientização e caminhando rumo a um projeto de maior liberdade política e cultural” (Seixlack; Castro, 2021, p. 176). Entretanto, essas articulações não podem ser compreendidas a partir da iniciativa desse ou daqueles “intelectuais indígenas”, mas de um diálogo entre os próprios Puri e entre estes e outros povos. A primeira forma de articulação indígena experimentada por muitos Puri foi a Aldeia Maraká'nà. Com os relatos de Dauá, observamos a importância de Niara do Sol em sua trajetória, além do impacto do contato com outros Puri após sua viagem para Araponga em 2008.

Há discordâncias e consensos entre movimentos do povo. Um exemplo é a utilização da palavra “ressurgência”, utilizada pelo MRP. Enquanto este movimento permanece fazendo uso do conceito de ressurgência, o Movimento Teyxokawa compreende que a palavra “resistência” se alinha mais com a leitura que o movimento faz da luta do povo Puri, se alinhando com o posicionamento definido no

17 Na língua Puri, *alkeh poteh* significa “poeira de luz”.

I Encontro Nacional dos Povos Indígenas em Luta pelo Reconhecimento Étnico e Territorial, que ocorreu em Olinda (PE), em 2003 (Puri, 2020, p. 83). Essas divergências também encontram no campo do idioma. Enquanto alguns Puri seguem utilizando a grafia dos coletados (Puri, 2018) e evitam usar palavras do Coroadó e do Koropó, outros seguem a linha do *kwaytikindo* (Puri; Puri; Puri, 2020). Essas escolhas estão presentes nos cantos: há aqueles que não seguem<sup>18</sup> e os que seguem a grafia ou diálogos presentes no *kwaytikindo*<sup>19</sup>. Embora unidos em torno de uma mesma nação, esses movimentos debatem sobre identidade, língua e conceito que levarão em seu nome, estabelecendo consensos e divergências entre si. Se Guillaume Boccara destaca como em meio às relações interétnicas, através da ação dos atores envolvidos, novas identidades foram construídas no Novo Mundo (Boccara, 2001), podemos ressaltar como esses movimentos Puri, em diálogo com movimentos interétnicos como o Movimento Aldeia Maraká'nà, têm (re)pensado novas formas de teorizar sobre a identidade indígena e os elementos que a tangenciam. Se entendendo como uma mesma nação, mesmo diante da pluralidade dos meios e formas através do qual levam adiante sua “resistência”, eles teorizam sobre, parafraseando o movimento zapatista, “um mundo de muitos mundos” (Morel, 2023, p. 12). Um contraponto ao “etnogenocídio”. Resistem, teorizando caminhos durante o trajeto.

Se, como observamos, a própria articulação entre os Puri de diferentes regiões em torno do pertencimento a uma mesma etnia ou povo é algo que ganhou solidez no início do século XXI, não podemos desconsiderar como esse processo foi atravessado pela ramificação em coletivos como o MRP e o Teyxokawa, criando também uma multiplicidade interna. Dentro dessas estruturas organizativas, há aqueles que produziram trabalhos acadêmicos, mas trabalhos esses que parecem sempre estar em consonância com as trocas culturais e políticas entre os Puri. Deste modo, por exemplo, as produções de “intelectuais indígenas” como Dauá Puri não podem ser desvinculadas dos conhecimentos cultivados coletivamente dentro do povo e com outros povos. Ele próprio ressalta, em seus textos e falas, a

18 Cultura e tradição. **Centro de Memória Puri**. Disponível em: <https://povopuri.wixsite.com/memoriapuri/centro-de-memoria-do-povo-puri>. Acesso em: 09 de janeiro de 2025.

19 Teyxokawa Puri. Canto Tenû-ahí. **Youtube**, 23 de dezembro de 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=L98WUbd9TM8>. Acesso em: 09 de janeiro de 2025.

importância tanto da convivência dentro da Aldeia Maraka'nà e com indígenas como Niara do Sol quanto a relevância de sua viagem e convivência em Araponga. Se, é verdade, não podemos negar a presença cada vez maior de indígenas Puri na academia, como é o caso de Dauá Puri, Opethara Nhãmanrúri Puri, Txâma Xambé Puri, Tutushamum Puri, Xindêda Puri e outros mais. É evidente que uma dimensão dessas produções é o atravessamento constante da coletividade. Essa complexa relação se torna mais evidente quando nos debruçamos sobre o fenômeno de que os cantos do povo não são produzidos ou “compostos”, mas, por sua relação com os “*taheantah*”<sup>20</sup>, são apresentados, como se fossem acúmulos de um conhecimento e herança coletiva (Puri; Puri; Puri, 2020, p. 89).

### 3.1 *Purika*<sup>21</sup>

A retomada da língua é uma das formas de enfrentar e resistir à violência do “etnogenocídio” (Longhini, 2022, p. 69). Numa espécie de ressignificação dos instrumentos utilizados pelos colonizadores, os movimentos Puri se apropriaram dos registros realizados sobre sua língua e grafismos nos séculos passados para complementar lacunas presentes nas permanências (Puri, Puri, Puri, 2020, p. 81). Como ressaltamos, as estratégias e formas através das quais essas ressignificações ocorrem não são homogêneas. Elas são fruto de uma multiplicidade de iniciativas e de concepções acerca dos Puri.

Esse movimento também encontra espaço na recuperação de grafismos utilizados pelos Puri no passado, registrados sobretudo por artistas nos séculos anteriores<sup>22</sup>. Esses movimentos não afirmam almejar o retorno àquilo que o povo Puri teria sido no passado. Compreendendo as condições históricas que atravessaram o povo, ressaltam que *nà thamathi Puky* (Puri bem vivo), isto é, uma perspectiva de continuidade do povo. Cientes dessa continuidade, o povo realiza a empreitada de resgatar e revitalizar o que é possível, mas sem abrir mão do novo. A apresentação de novos cantos é uma expressão desse movimento (Puri; Puri; Puri, 2020, p. 89-91).

<sup>20</sup> Palavra utilizada em *kwaytikindo* para se referir aos “ancestrais”.

<sup>21</sup> Nome de um grafismo Puri no qual três pontos separados (individual) formam um triângulo (coletivo), representando pertença. Além disso, possui relação com a palavra “*prika*”, utilizada para expressar quantidade ou passar palavras do singular para o plural.

<sup>22</sup> Txâma Xambé Puri. Elementos da Tradição Cultural Puri. **Índios Puri**. Blogspot, 03 de maio de 2019. Disponível em: [https://indiospuris.blogspot.com/2019/05/cultura-puri\\_3.html?m=1](https://indiospuris.blogspot.com/2019/05/cultura-puri_3.html?m=1). Acesso em: 11 de Janeiro de 2024.

### *Ñamake*, grafismo contemporâneo do povo Puri



#### Índios Puri, Blogspot de Txâma Xambé Puri

Além da organização em movimentos, a elaboração de novas expressões culturais contemporâneas nos permite ressaltar a existência não apenas de um movimento de resgate, mas de produção ou, para usar o termo utilizado para se referir aos novos cantos “de apresentação” das culturas Puri. O papel dessas expressões dialoga com a noção de “intelectual indígena” ao promover “a conscientização rumo à libertação política e cultural” (Seixlack; Castro, 2021, p. 176). Essa prática de resistência é reafirmada a cada vez que esse “*pirirema*” (grafismo) é utilizado por um Puri ou inscrito por ele em alguma superfície, almejando expressar sua resistência. O *Ñamake* é um símbolo de resistência contemporânea do povo Puri, podendo ser utilizado por qualquer pessoa do povo<sup>23</sup>.

Uma outra expressão das estratégias utilizadas para a articulação do povo em diversas regiões e o fortalecimento cultural e político do povo Puri foi a criação dos grupos e páginas de Facebook. Anteriormente, ressaltamos como a institucionalização do MRP e do Teyxokawa foram precedidas pela criação de páginas na rede social. É notável como esses grupos e páginas se multiplicaram após 2012. Entre alguns exemplos, podemos ressaltar o Grupo Puri (2012)<sup>24</sup>, a

<sup>23</sup> Elementos da Tradição Cultural Puri. Índios Puri. **Blogspot**, 03 de maio de 2019. Disponível em: [https://indiospuris.blogspot.com/2019/05/cultura-puri\\_3.html?m=1](https://indiospuris.blogspot.com/2019/05/cultura-puri_3.html?m=1). Acesso em: 11 de Janeiro de 2024.

<sup>24</sup> Disponível em: [https://m.facebook.com/groups/270368696406558/?locale=pt\\_BR](https://m.facebook.com/groups/270368696406558/?locale=pt_BR). Acesso em: 05 de Janeiro, 2025.

Resistência Indígena Puri (2015)<sup>25</sup>, a Aldeia Uchô Puri (2015)<sup>26</sup> e o Movimento de Ressurgência Puri Página (2018)<sup>27</sup>. *Sites* e *blogs* também surgiram ao longo desse período. Entre eles foi criado o *blog* de Txâma Xambé Puri, no qual os textos parecem foram escritos sobretudo no ano de 2019, se concentrando em elementos culturais e questões linguísticas do povo<sup>28</sup>. Além disso, no ano de 2020, foi criado o site do CMPP, armazenando textos, cantos e registros feitos por Puri e de não-indígenas sobre o povo Puri<sup>29</sup>. Isso demonstra uma organização do povo no sentido de transmissão, resgate e conservação da sua história e memória.

Deste modo, é possível perceber a existência de uma “rede de articulação virtual” que, gradualmente, foi surgindo por iniciativa dos diversos movimentos do povo Puri (Ramos, 2017, p. 153-154). A multiplicidade do povo Puri está presente nessas páginas, assim como está presente nas demandas dos movimentos. Há aqueles que vivem em zonas rurais, há aqueles que vivem em capitais, há aqueles que vivem em áreas mais marginalizadas das cidades, há aqueles que falam *kwaytikindo*, há aqueles que mantêm contato com a Aldeia Maraka'nà, os que mantêm contato com a Aldeia Vertical e os que têm relações com os dois espaços. Entretanto, toda essa multiplicidade não impede que o povo continue se (re)articulando e (re)pensando novas formas de lidar com seu pertencimento em comum. Essas articulações podem ocorrer por meio virtual ou através de encontros como a Troca de Saberes, que desde 2013 conta com uma presença cada vez maior dos Puri (Ramos, 2017, p. 164). A influência dessas articulações não é restrita a Viçosa, Rio de Janeiro e Araponga. Outras regiões têm valorizado cada vez mais a ascendência e herança Puri em seus municípios. Os descendentes Puri têm, cada vez mais, se reconhecido não apenas como herdeiros de uma história em comum, mas como pertencentes à uma mesma etnia. A formação dessa identidade parte das experiências do indivíduo com a própria ascendência, mas também possui íntima relação com a atribuição dada pelos outros, sejam esses outros indígenas Puri, indígenas de outros povos ou os dois simultaneamente. O que os Puri fizeram,

25 Disponível em: [https://m.facebook.com/resistencia.puri/?profile\\_tab\\_item\\_selected=about](https://m.facebook.com/resistencia.puri/?profile_tab_item_selected=about). Acesso em: 11 de Janeiro de 2025.

26 Disponível em: <https://m.facebook.com/aldeiapuri/>. Acesso em: 11 de Janeiro de 2025.

27 Disponível em: <https://m.facebook.com/mov.ressurgenciapuri/>. Acesso em: 11 de Janeiro de 2025.

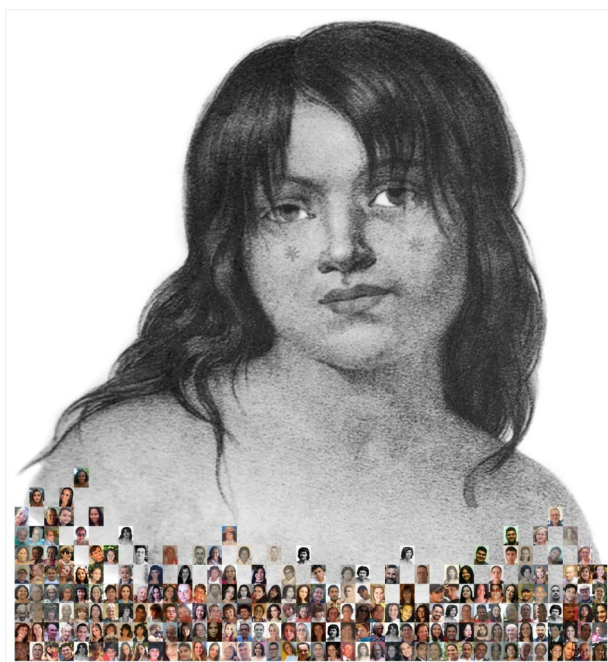
28 Disponível em: <https://www.blogger.com/profile/10802487404849614824>. Acesso em: 11 de janeiro de 2019.

29 Disponível em: <https://povopuri.wixsite.com/memoriapuri/centro-de-memoria-do-povo-puri>. Acesso em: 11 de Janeiro de 2025.

através da organização, foi garantir cada vez mais o direito à autodeclaração com a garantia de autonomia do povo, presente na Convenção nº 169 da Organização Internacional do Trabalho (OIT), promulgada no Brasil em 2004 (Longhini, 2022, p. 35)

[...] Barth – que deslocados a análise dos grupos étnicos dos aspectos raciais para o aspecto organizacional – afirma que a identidade étnica, ao invés de construída pelo isolamento, é fruto de situações de interações com os outros, implicando em um processo subjetivo que envolve a autoatribuição dada pelos outros. (Corrêa, 2018, p. 50)

### Indígena Puri e fotos de muriaeenses com ascendência Puri



Fonte: Povo Puri. Acervo do Memorial Municipal de Muriaé.

### 3.2 *Teutiltèouti*<sup>30</sup>

<sup>30</sup> Palavra que na língua Puri significa “fiar”, encontrada com a grafia “*teuti*” entre os falantes de *kwaytikindo* e com a grafia “*tèouti*” entre os que não são adeptos do *kwaytikindo*. Nos dois casos, a palavra parece derivar de “algodão”, escrito com a grafia “*teu*” em *kwaytikindo* e “*tè ou*” por aqueles que não são adeptos do *kwaytikindo*. Em ambos os casos, a palavra tem como significado o ato de fiar tecidos.

A partir da análise das articulações e das questões envolvendo o povo Puri nas duas primeiras décadas do século XXI, podemos observar não apenas a “ressurgência”, “etnogênese” ou “resistência” de um grupo de pessoas em torno de uma identidade indígena em comum, mas é evidente que ocorreu uma rápida e complexa articulação e organização de movimentos Puri, múltiplos em suas formas, mas compartilhando do pertencimento à etnia Puri. Esse fenômeno contou com revitalizações linguísticas, trocas entre as permanências culturais, articulações virtuais, reflexões sobre a identidade indígena e a identidade Puri e com a organização em torno de movimentos como o MRP e o Teyxokawa.

É certo que o “grupo social dos intelectuais” tem crescido bastante desde os debates em torno da Nova História Política (Sirinelli, 2003, p. 239), sendo complexo o seu estudo como atores políticos, sobretudo em razão da diversidade e amplitude de fontes (Sirinelli, 2003, p. 244-245). Entretanto, podemos partir de que o meio intelectual é composto por processos de transmissão cultural, definidos como heranças, que possuem uma forte dimensão geracional, formando uma espécie de memória coletiva (Sirinelli, 2003, p. 255). Podemos conectar essa memória coletiva, impactada por essa herança cultural, à ideia de “conscientização” almejada pelos intelectuais indígenas (Seixlack; Castro, 2021, p. 176), na qual a herança cultural estaria contida tanto na sua condição de indígena quanto no seu compromisso com seu coletivo (Silva, 2008, p. 116). Essa “geração” Puri, atravessada pelas possibilidades de conexões propiciadas pelas redes sociais, pelo acesso aos métodos acadêmicos, pela conexão entre diferentes regiões e pela organização em torno de diversos movimentos, tem tecido os caminhos através dos quais a “resistência” Puri ocorreu entre 2006 e 2020.

Os movimentos Puri, contaram com a presença de sujeitos atravessados por uma variedade de trajetórias. A própria multiplicidade dos movimentos expressa essa concomitância de mundos dentro das “resistências” Puri. Entretanto, os indivíduos que, imersos nesses movimentos, produziram academicamente sobre o próprio povo, não parecem expressar uma percepção de diferenciação entre eles e os demais indígenas. Pelo contrário, destacam a criação de uma “trama de apoio”, criada a partir desses reencontros (Silva, 2017, p. 25). Essa noção de trama coletiva da herança cultural aparece na reivindicação da Carta de Princípios do MRP quando destaca a importância da proteção da “propriedade intelectual dos povos indígenas” (Silva, 2017, p. 43). Opethara Nhãmanrúri destacou como sua sabedoria não vem

apenas da cultura dos livros, mas também de sua memória ancestral e convivência com o povo (Nhãmanrúri, 2023, p. 90). O fato de os cantos do povo não serem tratados como produções, mas como ligados aos “*taheantah*” e como cantos a serem “apresentados” ao povo, também evidencia essa relação entre conhecimento e coletivo (Puri, Puri, Puri, 2020, p. 89). Isso nos leva à possibilidade tanto de falar sobre “movimentos intelectuais indígenas” quanto de usar uma terminologia própria do povo, com base numa palavra presente entre os falantes de *kwaytikindo* e os Puri que não seguem o *kwaytikindo*: “*teuti*” ou “*tèouti*” (fiar/tecer). É pela tecelagem de relações e de conhecimentos que o povo Puri vai (re)construindo sua identidade, língua, organizações, culturas e formas de existir no mundo.

#### 4 CONCLUSÃO

A “etnogênese” do povo Puri não foi um movimento caracterizado por um “retorno” dos indígenas após a extinção. Quando abordamos o impacto das estruturas, políticas e discursos “etnogenocidas” acerca do povo, apontamos sobretudo para como o “paradigma da extinção” foi produzido. Embora a morte física e a obliteração de uma identidade Puri tenham ocorrido de diferentes formas em regiões diversas, isso não impediu a continuidade de uma memória, heranças culturais e formação de uma identidade intimamente ligada à ascendência Puri.

O que a nossa pesquisa apontou foi o início de uma articulação entre essas diferentes continuidades, a partir do início do século XX. Essas movimentações foram impactadas por uma “primavera dos movimentos indígenas”, que gerou condições para que esses Puri tivessem um maior apoio e locais para que pudessem se organizar coletivamente. No Rio de Janeiro, a Aldeia Maraka'nà e a Aldeia Vertical parecem ter contribuído para a tecelagem dessas relações.

Após entrar em contato com Niara do Sol, indígena Fulni-ô e Cariri-Xocó, e, em 2006, se aproximar profundamente da Aldeia Maraka'nà, Dauá empreendeu uma viagem até Araponga, região com profundas heranças culturais Puri. Nos anos seguintes, o diálogo entre os Puri de regiões como Araponga, Viçosa e Rio de Janeiro se intensificou. Indígenas Puri, cada vez mais, se reuniram em torno da Aldeia Maraka'nà, viajaram para estudar na UFV, para participar da Troca de Saberes e estreitaram laços com Araponga.

Através do Facebook, grupos e páginas foram criadas, processo que ganhou força após 2012, com a criação do Grupo Puri, por Dauá. A partir desse grupo, o MRP se institucionalizou. Através da página Resistência Indígena Puri, o Movimento Teyxokawa foi construindo e se institucionalizando também. De certa forma, as redes sociais contribuíram para uma diminuição ainda maior das distâncias entre os sujeitos da “diáspora Puri”. Reunidos ao redor de uma mesma identidade, cada movimento Puri desenvolveu suas próprias estratégias, especificidades e consensos. Entre algumas dessas características, podemos destacar o uso ou não do *kwaytikindo*.

No percurso dessas articulações, grupos Puri entraram para a universidade, se articularam com movimentos indígenas pluriétnicos, refletiram sobre sua própria identidade, sua história, sua memória e sua língua. Entre consensos e dissensos, essas decisões foram tomadas coletivamente, assim como a “apresentação” de

novos cantos foram tratadas como algo coletivo, não como produções individuais. Entre essas decisões, as formações das estruturas organizativas Puri possuem cada uma a sua especificidade, partindo de pontos diferentes inclusive no que diz respeito ao uso do conceito “ressurgência”, utilizado pelo MRP, ou “resistência”, utilizado pelo Teyxokawa.

O caráter coletivo dessas reflexões e decisões, mesmo que atravessadas em algum grau por ações individuais, nos levou a repensar o uso do conceito de “intelectualidade indígena”, compreendendo o potencial do uso de uma palavra presente na grafia e vocabulário tanto dos falantes de *kwaytikindo* quanto dos que preferem não fazer uso de palavras Coroado e Koropó: “*teuti*”/“*tèouti*” (fiar). Entre as razões para o uso da palavra própria do povo Puri, ressaltamos a ausência da palavra “intelectual” no vocabulário utilizado pelo MRP e pelo Teyxokawa, enquanto a palavra para “fiar” se encontra em ambos grupos, além de dialogar com a forma através da qual as inúmeras relações foram tecidas entre 2006 e 2020. Além disso, a permanência do uso da mesma palavra pelos dois movimentos, embora com grafias diferentes, é ela própria um exemplo de como suas especificidades não impedem que sejam um coletivo. Seja usando a palavra “*teuti*” ou “*tèouti*”, ambos seguem contribuindo para a continuidade e fortalecimento da herança e identidade Puri.

Deste modo, concluímos que a “intelectualidade indígena” surgida a partir da organização e articulação dos indígenas Puri entre 2006 e 2020, embora influenciada por trajetórias individuais como a de Dauá Puri, não podem ser desvinculadas da tecelagem de relações coletivas entre movimentos pluriétnicos, indígenas Puri de diversas regiões e a formação e institucionalização de movimentos organizados do povo. Além disso, o uso da *Internet* por esses movimentos, é evidente, contribuiu enormemente para o encontro entre os Puri de regiões diversas e o fortalecimento e propagação das culturas e movimentos através de *websites* e *blogs*. Por trajetórias diversas e seguindo estratégias diferentes, o povo Puri segue realizando o ato de *teuti/tèouti* “resistências”.

Para a comunidade falante, a língua Puri é um grande legado dos taheantah para suas existências no presente. A importância dada ao que é cantado nos kanaremundé marca o lugar da língua originária como elo espiritual e identitário dos Puri na conexão espiritual com seus ancestrais comuns. A comunicação do povo é de um transitar pancrônico, no qual diversas sincronias convergem na união étnica de seus falantes. (Puri; Puri; Puri,

2020, p. 91)

## REFERÊNCIAS

- ARRUTI, J. M. Etnogêneses Indígenas. **Povos indígenas no Brasil 2001/2005**. Instituto Socioambiental, 2006. Disponível em: <https://acervo.socioambiental.org/index.php/acervo/publicacoes-isa/povos-indigenas-no-brasil-2001-2005>. Acesso em: 13 de janeiro de 2025.
- Associaçãodeuséfiel7. Índios Puri MG.mp4. **Youtube**. 13 de junho de 2010. Disponível em: <https://youtu.be/d7r1s7Kbm7Q?feature=shared>. Acesso em: 02 de Janeiro, 2024.
- ASFUNRIO AULA. Dauá Puri – Aldeia Maracanã. **Youtube**. 18 de janeiro de 2013. Disponível em: <https://youtu.be/kcii-k8qds8?feature=shared>. Acesso em: 06 de janeiro, 2025
- BARBOSA, Willer Araújo. **Cultura Puri e Educação Popular no município de Araponga, Minas Gerais**: duzentos anos de solidão em defesa da vida e do meio ambiente. 2005. 234f. Tese (Doutorado em Educação) Universidade Federal de Santa Catarina. Centro de Ciências da Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação. 2005. Florianópolis. Orientador(a): Reinaldo Matias Fleuri. Disponível em: <http://bdae.org.br/handle/123456789/2741>. Acesso em: 01 de janeiro, 2025.
- BEVILAQUA, C. . A Aldeia Vertical: mistura indígena na cidade do Rio de Janeiro. **Mundo Amazônico**, 8(2): 49-70, 2017. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.15446/ma.v8n2.64491>. Acesso em: 03 de janeiro, 2025.
- BRASIL. Fundação Nacional do Índio. **Manual de redação oficial da FUNAI**. Brasília: Funai, 2016. Disponível em: <https://www.gov.br/funai/pt-br/arquivos/conteudo/cogedi/pdf/outras-publicacoes/manual-de-redacao-oficial-da-funai/manual-de-redacao-oficial-da-funai.pdf>. Acesso em: 06 de janeiro de 2025.
- BOCCARA, Guillaume. Mundos nuevos en las fronteras del Nuevo Mundo. *In: Mundos Nuevo Mundo Mundos Nuevos* [online], **Debats**, p. 14, 2001. Disponível em: <https://goo.gl/1VTT8J>. Acesso em: 09 de janeiro de 2025.
- Centro de Memória Puri**. Disponível em: <https://povopuri.wixsite.com/memoriapuri/centro-de-memoria-do-povo-puri>. Acesso em 14 de janeiro de 2025.
- CORRÊA, Luis Rafael Araújo. **Feitiço Caboclo**: um índio mandingueiro condenado pela inquisição. Jundiaí: Paco Editorial, 2018.
- FERREIRA, Andrey Cordeiro (Org.). **Atlas etno-histórico da ressurgência Puri: Resistências e transformações indígenas no Rio de Janeiro**. Distrito Federal: O Lampião, 2023. E-book. Disponível em: <http://bdae.org.br/handle/123456789/2741>. Acesso em: 31 de dezembro, 2024.
- FREIRE, J. R. B.; MALHEIROS, M. F. **Aldeamentos indígenas do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: UERJ, 1997.
- FRONTELMO SOARES, J. Modos de vida e de vivência Puri mata a dentro: mundos em disputa, entre Minas Gerais e Rio de Janeiro . **Argumentos - Revista do Departamento de Ciências Sociais da Unimontes**, [S. l.], v. 21, n. 1, p. 131–169, 2024. DOI: 10.46551/issn.2527-2551v21n1p.131-169. Disponível em: <https://www.periodicos.unimontes.br/index.php/argumentos/article/view/7539>. Acesso em: 30 dez. 2024.
- GUAJAJARA, Potyra; GUAJAJARA, Urutau; ICÓ, Lucas; MUNDURUKU, Lucas; XAVANTE, Otomorinhori'õ. **Em nossas artérias, nossas raízes**. Rio de Janeiro: I-motirõ, 2023. E-book. Disponível em: <https://archive.org/details/em-nossas-arterias/mode/1up>. Acesso em: 31 de dezembro, 2024.

- IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Demográfico 2010**. Disponível em: <https://censo2010.ibge.gov.br/>. Acesso em: 29 de dezembro de 2024.
- LEMOS, Marcelo Sant'Ana. **Vocabulário da Língua Puri (Português - Puri)**. Rio de Janeiro: Edição do Autor, 2014. Disponível em: <https://povopuri.wixsite.com/memoriapuri/centro-de-memoria-do-povo-puri>. Acesso em: 30 de dezembro, 2024.
- LONGHINI, Geni Daniela Núñez. **Nhande Ayyu é Da Cor Da Terra: Perspectivas indígenas Guarani Sobre Etnogenocídio, Raça, Etnia E Branquitude**. Tese (Pós-graduação) – Programa de Pós Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas, no Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) para a obtenção do título de doutora interdisciplinar em Ciências Humanas. 2022. Disponível em: [https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UFSC\\_473f48c5fe4ec5a1940f122e090045b6](https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UFSC_473f48c5fe4ec5a1940f122e090045b6).
- LOUKOTKA, Č. La família linguística coroado. **Journal de la Societé des Americanistes**, v. 29, p. 157-214, 1937.
- LOURES OLIVEIRA, A.P.P.; A etnohistória como arcabouço contextual para as pesquisas arqueológicas na Zona da Mata Mineira. **Canindé – Revista do Museu de Arqueologia de Xingó**, Xingó, v. 3, p. 245-273, 2003.
- MOREL, Ana Paula Massadar. **Um mundo onde caibam muitos mundos: educação descolonizadora e revolução zapatista**. São Paulo: Autonomia Literária, 2023.
- OLIVEIRA, J. P. DE. Pardos, mestiços ou caboclos: os índios nos censos nacionais no Brasil (1872-1980). **Horizontes Antropológicos**, v. 3, n. 6, p. 61–84, out. 1997. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ha/a/fh9cpRfmbxt4QNkmvnZyffg/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 31 de dezembro, 2024.
- OPETHARA, Nhãmanrúri. Onde Estavam os Puris Quando o Sistema os Considerava Extintos? Rezando, curando, plantando, lutando, resistindo e ressurgindo. In: FERREIRA, Andrey Cordeiro (Org.). **Atlas etno-histórico da ressurgência Puri: Resistências e transformações indígenas no Rio de Janeiro**. Distrito Federal: Editora O Lampião, 2023. Disponível em: <http://bdae.org.br/handle/123456789/2741>. Acesso em: 31 de dezembro, 2024.
- PURI, Dauá. **Alkeh Poteh - Tempo de Escuta**. Coleção Semear: Rio de Janeiro, 2018.
- PURI, Txâma Xambé; Puri, Tutushamum; Puri, Xindêda. Kwaytikindo: retomada linguística Puri. **Revista Brasileira de Línguas Indígenas**, Macapá, v. 3, n. 2, pp. 77-101, 2020. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/349256809\\_Kwaytikindo\\_retomada\\_linguistica\\_Puri](https://www.researchgate.net/publication/349256809_Kwaytikindo_retomada_linguistica_Puri). Acesso em 14 de janeiro de 2025.
- PURI, Txâma Xambé. A repercussão do movimento indígena Aldeia Maraká'nà em ações de emergência identitária indígena em contexto urbano na cidade do Rio de Janeiro (2006-2018) - Txemín Puri - O povo Puri: o caminho de volta. **Revista Concinnitas**, [S. l.], v. 21, n. 37, p. 364–389, 2020. DOI: 10.12957/concinnitas.2020.51069. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/concinnitas/article/view/51069>.
- PURI, Dauá. **Alkeh Poteh - Tempo de Escuta**. Coleção Semear: Rio de Janeiro, 2018.
- RAMOS, Melissa Ferreira. **Re-existência e ressurgência indígena: diáspora e transformações do povo Puri**. 2017. 227 f. **Dissertação (Mestrado em Educação)** - Universidade Federal de Viçosa, Viçosa. 2017. Disponível em:

<https://www.locus.ufv.br/handle/123456789/24334>. Acesso em: 31 de dezembro, 2024.

REIS, Solange de Souza. **Onde estavam os indígenas Puri quando o sistema os dava como extintos? Nós estamos aqui, vivos! Orando, rezando, curando, plantando, lutando, resistindo e ressurgindo.** (Trabalho de Conclusão de Curso em Educação do Campo - Ciências da Natureza). Universidade Federal de Viçosa, Viçosa / Minas Gerais. 2020. Disponível em: <https://educacaodocampo.ufv.br/trabalhos-de-conclusao-de-curso/>. Acesso em: 09 de janeiro de 2025.

SANTOS, Aline Beatriz dos; CARVALHO, Karina de Paula; MOREIRA, Sarah Luiza de Souza. "Ressurgência e Retorno: Sonho e missão. *In*: FERREIRA, Andrey Cordeiro (Org.). **Atlas etno-histórico da ressurgência Puri: Resistências e transformações indígenas no Rio de Janeiro.** Distrito Federal: Editora O Lampião, 2023. Disponível em: <http://bdae.org.br/handle/123456789/2741>. Acesso em: 31 de dezembro, 2024.

SARAIVA, Luiz Fernando; NABARRO, Wagner; GOLDFEDER, Pérola (Org.). **Atlas histórico e econômico do Brasil no século XIX.** Brasília: Senado Federal; Niterói: Eduff, 2024. Disponível em: [https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/650540/Atlas\\_historico\\_economico\\_Brasil\\_seculo\\_XIX.pdf](https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/650540/Atlas_historico_economico_Brasil_seculo_XIX.pdf).

Acesso em: 30 de dezembro, 2024.

SEIXLACK, A. G. de C.; CASTRO, F. L. V. (2021). Intelectuais indígenas e produção historiográfica: contribuições da Comunidade de Historia Mapuche para a descolonização do pensamento. **Intellectus**, 20(2), 162–178. Disponível em: <https://doi.org/10.12957/intellectus.2021.61698>. Acesso: 14 de janeiro de 2025.

SILVA, Claudia Zapata (2008). Los intelectuales indígenas y el pensamiento anticolonialista. **Discursos/prácticas**, no 2, pp.113-140, semestre 1.

SILVA, Dauá José da. Cultura Indígena do Sudeste, Memória e sua Guarda: Os Puri e sua Identidade. **Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Educação do Campo).** Universidade Federal de Viçosa, Minas Gerais. 2017. Disponível em: <https://educacaodocampo.ufv.br/trabalhos-de-conclusao-de-curso/>. Acesso em 01 de janeiro, 2025.

SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. *In*: RÉMOND, René (Org.). **Por uma História Política.** Rio de Janeiro: FGV, 2003. p. 231-269.

Teyxokawa Puri. Canto Tenû-ahí. **Youtube**, 23 de dezembro de 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=L98WUbd9TM8>. Acesso em: 09 de janeiro de 2025.

Tumulto Marca Retirada dos Índios da Aldeia Maracanã. **BBC NEWS BRASIL.** 22 de março de 2013. Disponível em: [https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2013/03/130322\\_aldeia\\_cq\\_atualiza](https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2013/03/130322_aldeia_cq_atualiza).

Acesso em 05 de janeiro de 2025.

PURI, Txâma Xambé. Elementos da Tradição Cultural Puri. **Índios Puri.** Blogspot, 03 de maio de 2019. Disponível em: [https://indiospuris.blogspot.com/2019/05/cultura-puri\\_3.html?m=1](https://indiospuris.blogspot.com/2019/05/cultura-puri_3.html?m=1). Acesso em: 11 de Janeiro de 2024.